

DUAS MULHERES, DOIS MUNDOS DIFERENTES, UM MESMO DESTINO: ANÁLISE DOS CONTOS *A FUGA* DE CLARICE LISPECTOR E *EVELINE* DE JAMES JOYCE.

Maria Edileuza da Costa*
José Vilian Mangueira**
Maria Aparecida da Costa
Gonçalves Ferreira***

Resumo

Alguns escritores privilegiaram em seus textos personagens femininas, numa tentativa de, através de suas obras, questionarem o papel da mulher dentro de determinadas sociedades; é o que acontece com os autores James Joyce e Clarice Lispector, em seus textos “Eveline” e “A fuga”, respectivamente. Este trabalho procura analisar o percurso das protagonistas dos dois contos, suas relações sociais, seus medos e anseios para entender o porquê de elas não irem até o fim em seus planos pessoais. Através de um estudo comparativo, mostraremos que as personagens são rodeadas por uma cadeia de grilhões que as impedem de terem os seus projetos existenciais realizados. Por mais que elas pensem, que ponderem sobre suas existências, estarão fadadas a um aborto pessoal, pois as suas relações não permitem que elas dêem luz a um novo projeto de vida.

Palavras-chave: Literatura Comparada, Clarice Lispector, James Joyce.

Abstract

Some writers in their texts call attention to female characters, in effort to question, throughout their work, the role of woman inside a specific society; that is what happens to James Joyce and Clarice Lispector, in their texts “Eveline” and “A fuga”, respectively. This work aims to analyze the development of the main characters from the two short stories, and their social relations, their fears and desires, to understand why these two women do not reach the top of their individual plans. Through a comparative study, we will show that the two characters are surrounded by a not-concrete chain that does not allow them to make their projects come true. Although they think, analyses their life, both characters are destined to abort their personal desires, once their relations do not allow them to give birth to their new project of existence.

Key words: comparative literature, Clarice Lispector, James Joyce.

* Doutora em Literatura Brasileira pela UFPB, professora do Departamento de Letras e do PPGL da UERN.

** Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB, professor do Departamento Letras UERN/CAMEAM.

*** Mestre em Literatura Brasileira pela UFPB, professora do Departamento Letras UERN/CAMEAM

I - Primeiras palavras:

Escritores de diferentes mundos privilegiaram em seus textos personagens femininas, com a intenção de questionar o papel da mulher dentro da sociedade e como essas mulheres se comportavam em determinadas situações. Eis o que ocorre em contos de Clarice Lispector e James Joyce, dois escritores separados pelo tempo, por diferentes culturas, e por línguas diferentes.

O texto de Clarice Lispector, “A fuga”, de 1979, faz parte do livro *A bela e a fera* e narra a história de uma mulher que vaga pelas ruas, com medo e sem rumo, debaixo de uma grande chuva, evidenciando conflitos existenciais até então sofridos, mas desconhecidos para a personagem. Casada há doze anos, essa mulher experimenta três horas de liberdade, longe de casa, se sentindo restituída de suas forças para continuar sua rotina. Ela sai para ver o mar, e em plena chuva, fica pensando como seria o fundo do mar, se realmente ele existe ou não. Essas reflexões conduzem a personagem pelas ruas criando em sua alma uma grande angústia:

Quis sentar-se num banco do jardim, porque na verdade não sentia a chuva e não se importava com o frio. Só mesmo um pouco de medo, porque ainda não resolvera o caminho a tomar. O banco seria um ponto de repouso. Mas os transeuntes olhavam-na com estranheza e ela prosseguia na marcha. (LISPECTOR, 1997, p.23)

A partir desse desejo de seguir sem rumo, em busca de alguma liberdade perdida a mulher anda pelas ruas, e em meio às suas divagações, lembra de um momento da escola primária que lhe traz sabor de liberdade. Coincidentemente ela percebe que há doze anos, mesmo quantidade de tempo que permanece casada, não sente essa liberdade, porque a simples presença do marido lhe tolhe todas as ações, quicá os pensamentos. A chuva pára, ela pensa em não voltar para casa, o que é infinitamente consolador. Pensa em ir para um hotel, em tomar um navio e viajar para longe. Tudo isso nos faz perceber que a angústia da personagem girava em torno de sua rotina de mulher casada, o que ela buscava era algo simples, era viver a vida sem amarras, sem ter que se justificar ou fazer o papel de esposa, de dona de casa:

Agora que decidira ir embora tudo renascia. Se não estivesse tão confusa, gostaria infinitamente do que pensara ao cabo de duas horas: “Bem, as coisas ainda existem”. Sim, simplesmente extraordinária a descoberta. Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira de si mesma: - primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam. Se representasse num palco essa mesma tragédia, se apalparia, beliscaria para saber-se desperta. (1997, p.24)

Por um instante, se imagina saindo da vida oprimida, mas se dá conta de que não tem dinheiro, um marcador de sua dependência do marido. Mas ela segue, devaneando, imaginando como seria ser livre, como seria viver de verdade: “ela ria. Agora pode rir... eu comia caindo, vivia caindo. Vou procurar um lugar onde por os pés...” (1997, p.25). Conduzidas por estes pensamentos, se alegre e continua curtindo seu ilusório momento de liberdade, pensa: “-eu era uma mulher casada e sou agora uma mulher” (idem, p. 25). A partir daí ficou pensando como havia saído de casa aquele dia, como tudo havia acontecido tão rápido.

Podemos observar já no final do conto através dos pensamentos da personagem um fenômeno típico nas obras de Clarice Lispector, que também foi largamente usado por James Joyce, a epifania. No caso do conto em análise, esse fenômeno se dá no momento em que, percebendo o mundo à sua volta, a personagem muda sua forma de enxergar tudo:

Como foi que aquilo aconteceu? A principio apenas um mal-estar e o calor. Depois qualquer coisa dentro dela começou a crescer. De repente, em movimentos pesados, minuciosos, puxou a roupa do corpo, estraçalhou-a, rasgou-a em longas tiras. O ar fechava-se em torno dela, apertava-a. Então um forte estrondo abalou a casa. Quase ao mesmo tempo, caíram grossos pingos d’água, mornos e espaçados. (1997, p. 26)

Numa tentativa de entender o que está acontecendo em sua vida, a personagem segue devaneando, imaginando como tinha lhe surgido aquele desejo de liberdade e como poderia fazer para prolongá-lo, mas percebe que lhe falta coragem para tal empreitada, e na deficiência de sua coragem, ela volta para casa. Vejamos o texto:

Oh!, tudo isso é mentira. Qual a verdade? Doze anos pesam como quilos de chumbo e os dias se fecham em torno do corpo da gente e apertam cada vez mais. Volto para casa. Não posso ter raiva de mim, porque estou cansada. E mesmo tudo está acontecendo, eu nada estou provocando. São doze anos. (p. 27)

A narrativa se fecha com a personagem envolvida nas mesmas relações de sempre, o que demonstra o seu estado de passividade letárgica.

O conto “Eveline”, do escritor irlandês James Joyce, foi publicado em 1914, no livro *Dubliners*. O livro é dividido em quatro categorias e este conto, juntamente como “After the race” “Two Gallants” e “The boarding house”, insere-se na categoria *Stories of Adolescence*.

A narrativa se passa entre o cair da tarde e a noite, momento em que a personagem homônima pretende fugir com seu amante, Frank, para a Argentina. Sentada à janela, Eveline contempla a rua que se encontra tomada pelas sombras da tarde. Imagens de sua infância chegam até ela e a personagem é envolvida por uma atmosfera de nostalgia.

Da rua, a sua visão se detém na própria casa, que se mostra antiga e poeirenta. Sem sair da janela, Eveline vê os móveis e rememora os seus dias em redor deles. Neste momento, ela se questiona se é sensata a decisão de ir embora. Como para convencê-la a ir, vem à tona a relação com o seu pai. Homem rude e violento, o pai de Eveline trata-a com desprezo por ela ser mulher. Depois de alguns minutos de contemplação e reflexão, que mostram a sua relação com Frank, a morte de sua mãe e do irmão Ernest, a personagem deixa a casa em direção ao cais, onde Frank a espera. Quebrando a expectativa do namorado e do próprio leitor, Eveline é tomada de um surto de paralisia e decide não tomar o navio, de onde Frank a chama insistentemente. A história se fecha com o narrador mostrando toda a condição de fragilidade da personagem.

Inicialmente, três características aproximam estes dois textos. A primeira é o fato das duas personagens principais procurarem a mesma coisa: uma chance de começar uma nova vida. A segunda diz respeito à condição feminina destas personagens: são duas mulheres convivendo com figuras masculinas opressoras. A mulher de “A fuga” vive sob a sombra de seu marido, enquanto Eveline vive sob as leis opressoras de seu pai. A última característica é o fato dos dois textos mostrarem essas mulheres como criaturas passivas, que não conseguem ir até o fim nos seus projetos existenciais. Daí, usando uma expressão do texto de Joyce, consideramo-las dois animais indefesos.

II - Um estudo comparativo

Para entendermos o paralelismo entre as duas narrativas é necessário apresentar as similaridades e as diferenças entre estas duas personagens.

Proveniente de uma família pobre, Eveline tem que trabalhar em casa e em uma loja. Para as despesas de casa, é necessário juntar o dinheiro que ela ganha, o que o seu irmão Harry manda e o que o seu pai costuma dar. Com este último, Eveline tem brigas toda semana devido ao fato de ele não querer contribuir com as despesas do lar.

Já a personagem de “A fuga” possui uma condição financeira diferente da de Eveline. É casada com um homem de negócios, não trabalha fora de casa, tem até uma empregada para os afazeres da casa. Ela se encaixa no padrão de uma mulher de classe média do Rio de Janeiro da época.

Essas características sociais das personagens contribuem para tornar as suas vidas uma existência tediosa. O trabalho de casa para Eveline é uma tarefa de Sísifo: tirava o pó dos móveis e eles tornavam a se cobrir com a mesma poeira. De onde afinal poderia vir tanta poeira, pergunta-se a personagem. Na loja, era maltratada pela chefe e costumava chorar no final do expediente. Mas nada a desgasta mais do que as inevitáveis confusões com o pai, todos os sábados, à noite, por causa de dinheiro.

O fato de não trabalhar, de passar as horas em casa sozinha, à espera do marido, em volta em leituras, faz com

que a personagem de “A fuga” tenha uma rotina tediosa. Ela também não dá mostras de que costuma usufruir do dinheiro que possui.

O estado civil das personagens também pesa na decisão de buscarem uma nova vida. Eveline é solteira e vê em Frank, seu namorado, a possibilidade de uma vida de liberdade e alegrias. Ela se considera desprotegida, principalmente diante do pai bêbado e violento. E Frank aparece como a sua proteção: “Frank iria salvá-la” (JOYCE, 1976, p.23). Para ela, o casamento é a maneira de conquistar a liberdade que procura: “Ela estava prestes a explorar uma nova vida com Frank” (Idem, 1976, p.21).

É importante notar que Eveline não apresenta Frank como o homem a quem ela ama. O que ela sente por ele resume-se a um sentimento confuso: “Quando ele cantava aquela canção sobre a jovem que amava um marinheiro, ela sentia-se alegremente confusa” (JOYCE, 1976, p.22). No final do texto, quando ela decide não embarcar, Frank pode ver em seus olhos o verdadeiro sentimento dela em relação a ele: “Os olhos dela não davam sinal de amor, de saudade ou reconhecimento” (JOYCE, 1976, p.23). Neste momento, descobrimos que Eveline não se entrega a Frank por amor, mas por ele lhe possibilitar a única chance de ela mudar de vida.

De maneira oposta, a personagem de Clarice Lispector tem outra visão do casamento. Casada há mais de doze anos, o casamento tornou-se uma prisão, o motivo de ela buscar outro destino para si. Segundo a personagem, depois de ter casado, sua vida estacionou no tempo: “Há doze anos era casada e três horas de liberdade restituíam-na quase inteira a si mesma: - a primeira coisa a fazer era ver se as coisas ainda existiam” (LISPECTOR, 1997, p.24). O casamento é uma condição tão opressora que os doze anos são transformados em doze séculos: “Porque esperou tanto tempo para esta renovação? Só hoje, depois de doze séculos” (Idem, 1997, p.25).

O marido da personagem, como o pai de Eveline, representam o opressor, ou seja, a mulher não consegue ter a vida que gostaria de ter porque tem que seguir as regras ditadas pelo homem. Toda a vida de negação desta mulher é simbolizada na atitude de ela não sentir fome ao lado do marido. Durante a sua peregrinação debaixo da chuva, a fome aparece: “Agora está com fome. Há doze anos não sente fome” (LISPECTOR, 1997, p.26). Mas, ao retornar para casa, e encontrar o marido, a fome desaparece: “Toma um copo de leite quente porque não tem fome” (Idem, 1979, p.27). Assim, a palavra fome deixa de representar o desejo físico e metafORIZA todos os desejos tolhidos da personagem, pelos doze anos de casamento. É nas horas longe de casa, longe do marido, que a personagem comporta-se como realmente gostaria. Na rua, ela pode pensar, pode sorrir e pode decidir que rumo dar à sua vida.

Além dos pontos já expostos, os dois contos primam pela reflexão de suas personagens, em detrimento das ações

destas. As reflexões de cada uma influenciam na decisão final de iniciarem ou não uma nova vida. Os tempos de uma narrativa também se misturam, fundindo o tempo cronológico com o tempo psicológico, criando, assim, um panorama da vida das duas protagonistas.

Enquanto Eveline está aguardando a hora de fugir com Frank, ela recorda alguns momentos de sua vida. É importante notar que o primeiro momento de suas recordações refere-se à época em que ela era feliz. É o tempo de sua infância, de suas brincadeiras com os amigos. Tempo em que sua mãe e seu querido irmão Ernest estavam vivos. O segundo momento de suas lembranças refere-se ao passado mais recente e mostra o quanto ela tem sido infeliz. É o seu trabalho duro na loja e em casa, o medo provocado pela violência do pai, suas relações familiares, entre outras coisas.

Eveline evoca boas lembranças porque a única maneira de escapar de sua vida tediosa não a satisfaz completamente. Estas boas recordações dão-lhe a falsa idéia de que há algo de bom em sua situação. Até o seu pai, que é a pessoa com quem ela mais tem atrito, é transformado em boas lembranças:

Às vezes, ele sabia mostrar-se agradável. Há pouco tempo, quando ela ficara de cama por um dia, o pai tinha lido uma história de fantasma e preparado torradinhas na lareira. Uma outra vez, no tempo em que sua mãe ainda vivia, tinham ido a um piquenique na colina de Howth. Recordava-se dele pondo o chapéu da mulher para divertir as crianças (JOYCE, 1976, 22).

Esta atitude de recordar fatos antagônicos é o modo que a personagem encontra para pesar os dois lados de sua decisão. Velhas lembranças trazem o bom tempo de sua vida, tornando mais difícil deixá-la para trás; e as lembranças mais recentes mostram o quanto ela tem sido infeliz, dando-lhe mais forças para abandonar tal existência. E então um conflito interno toma conta da personagem: ir ou não ir embora com Frank?

Tudo parece se resolver quando ela percebe, através da lembrança da morte da mãe, que a sua vida poderia ser tão miserável quanto foi a daquela:

Enquanto divagava, a pesarosa visão da vida de sua mãe feria-a na carne: uma existência de sacrifícios banais, terminada em loucura. Estremeceu ao ouvir sua voz novamente, gritando com desvairada insistência:

- Derevaun Seraun! Derevaun Seraun! (o fim do prazer é a dor – provérbio gálico)

Num súbito impulso de terror, levantou-se. Fugir! (JOYCE, 1976, p. 22-23).

Aqui dá-se o primeiro momento de epifania da personagem e ela entende que, para a sua felicidade, é necessário

fugir: “Querida viver. Porque haveria de ser infeliz? Tinha direito a felicidade” (JOYCE, 1976, p.23). Mas este momento de epifania não é suficiente para fazê-la deixar a Irlanda. Sua necessidade de uma nova vida pesa menos do que certas circunstâncias que a envolvem.

A idéia de deixar o seu lar, o seu país, faz Eveline temer o futuro ao lado de Frank. Este medo transforma a sua casa, antes velha e cheia de perigo, em um lugar acolhedor e seguro. Em casa, ela poderia encontrar tudo que sua condição de mulher passiva precisa para sobreviver. Ela tem abrigo, comida e uma gama de conhecidos: “Em casa, de qualquer forma, ela tinha abrigo e comida; ela tinha aqueles que sempre conhecera” (JOYCE, 1976, p.21).

Quando a personagem mostra a sua casa como um lugar seguro, ela se contradiz, e mostra toda a sua condição de animal acuado. Como ela pode encontrar tranquilidade vivendo na companhia de um pai violento e bêbado? Até mesmo a comida não é fácil de conseguir: basta lembrar as brigas com o pai e o sufoco que ela passa para comprar a comida do domingo. Essa idéia de um lar seguro é apenas uma criação de sua mente. Na verdade, ela reconhece que não está salva onde vive: “E agora ela não tem ninguém para protegê-la” (JOYCE, 1976, p.21).

Mas o medo de deixar o seu país e o receio do que a espera em uma terra distante contribuem para a atitude de fraqueza da personagem, no final do conto. Seu país, a Irlanda, e a Argentina são totalmente diferentes. O texto mostra a Irlanda como um lugar frio, poeirento, cinzento, tedioso e enfadonho; enquanto a Argentina aparece como um lugar quente, colorido e exótico. Até o homem deste lugar, metonimizado em Frank, difere do irlandês. Frank é descrito como um homem amável, humano, de coração aberto. Ele também gosta de ouvir música e de cantar um pouco. Por todas estas qualidades, Frank tem o que falta ao pai e ao irmão da personagem. Mas estas qualidades da Argentina e de Frank não são suficientes para convencer Eveline a abandonar o seu país. A idéia de morar na Argentina soa como um exílio para ela.

Mais uma vez, a insegurança da personagem diante do desconhecido faz com que sua vida dura torne-se melhor do que aquela que surge na companhia de Frank: “[...] mas agora que estava prestes a abandoná-la, ela não julgava essa vida tão indesejável” (JOYCE, 1976, p.21). Diante de tal fato, Eveline chega a conceber Frank como uma pessoa que poderia lhe fazer mal: “Os mares do mundo envolviam seu coração. Frank a arrastava para dentro deles: iria afundá-la” (Idem, 1976, p.23).

Dois outros motivos ainda podem ser apontados como influenciadores na decisão da personagem de não fugir. Primeiro o medo que ela tem do que as pessoas fariam dela depois que partisse: “O que diriam na loja ao saberem que fugiu com um cara? Que era uma tola...” (JOYCE, 1976, p.21). E, como último motivo, a promessa feita à mãe, quando esta estava morrendo.

Mas Eveline só consegue perceber que tudo isso a prende na Irlanda, que tudo isso a engaiola em sua vida tediosa, quando chega ao cais. É ali que ela se dá conta de sua fragilidade e de sua passividade diante dos obstáculos da vida. É neste momento, também, que o leitor percebe que a personagem chegou até aquele ponto não por suas próprias forças, mas por influência de Frank. É ele que tudo faz para salvá-la; ela apenas o segue como um animal:

Sentia o sangue fugindo do rosto e numa angustiada indecisão, pedia a Deus que a orientasse, que lhe mostrasse o caminho certo. Se partisse, amanhã estaria no mar em companhia de Frank, navegando para Buenos Aires. [...] Podia voltar atrás, depois de tudo que ele havia feito? (JOYCE, 1976, p.23).

Diante do mar, das águas que a cercam, a personagem é tomada por outro momento de epifania: se fugisse com Frank, seria afogada no mar. É aí que reconhece o peso da sua vida. É aí que ela percebe as correntes que a impedem de se mover. Assim como a personagem de Clarice, os anos de existência de Eveline pesam como chumbo.

Da mesma forma que Eveline, a personagem de “A fuga” evoca lembranças de sua infância e de seu passado recente. Mas, de maneira contrária, as evocações desta personagem servem apenas como incentivo ao seu desejo de liberdade. Não há nenhuma lembrança da personagem que seja capaz de fazê-la querer voltar para casa.

Embora o narrador não nos dê uma visão detalhada da vida desta personagem, podemos inferir, através das pistas deixadas ao longo do texto, como tem sido a existência dela. Passa dias monótonos e angustiantes. Não há referência a instantes de felicidade ou alegria desde que ela se casou. A vida com tudo que há de bom e excitante chega até ela através de uma janela ou pelas páginas de um livro. Assim como em “Eveline”, o mundo lá fora não penetra na casa da personagem: “Vive atrás de uma janela, olhando pelos vidros a estação das chuvas cobrir o sol, depois tornar o verão e ainda as chuvas de novo” (LISPECTOR, 1997, p.25). Nos dois textos, a janela tem o mesmo sentido: simboliza o desejo de viver o que há fora de suas casas, assim como simboliza tudo o que as prende dentro do lar. Mas longe da janela, em seus instantes de euforia nas ruas, a personagem de Clarice teme voltar para o tédio do lar: “Tonta como estava, fechou os olhos e imaginou um grande turbilhão saindo do ‘Lar Elvira’, aspirando-a violentamente e recolocando-a junto à janela, o livro na mão, recompondo a cena diária” (LISPECTOR, 1997, p. 23-24).

Como Eveline, a personagem de “A fuga” é influenciada a deixar a sua casa por algo a ela exterior. Frank tira Eveline de seu lar cheio de deveres, obrigações e velhas lembranças. Já a personagem de Clarice é arrastada de casa pela chuva forte: “Vestiu-se, juntou todo o dinheiro que havia em casa e foi embora” (LISPECTOR, 1997, p.27).

Apesar de toda a angústia que esta decisão possa lhe causar, a fugitiva, como Eveline, volta atrás em seu plano

de fuga. São dois os motivos mais fortes que fazem a personagem de Clarice desistir de seus planos. O primeiro deles é a fragilidade da personagem diante das correntes que o casamento possui. Os seus doze anos de casada estão tão presentes e solidificados em sua pessoa que não podem ser postos de lado. Para Eveline, a sua responsabilidade, a promessa feita à mãe e muito mais, acorrentam-na em sua vida. Já a mulher fugitiva tem um bloco de chumbo prendendo-a para sempre ao seu lar, o casamento de doze anos.

O segundo motivo que faz a fugitiva abortar o seu projeto de liberdade é o que as outras pessoas poderiam pensar dela:

Bem que podia ir a um hotel. Isso é verdade. Mas os hotéis do Rio não são próprios para uma senhora desacompanhada, salvo os de primeira classe. E nestes pode encontrar algum conhecido do marido, o que certamente lhe prejudicará os negócios” (LISPECTOR, 1997, p.26).

Reconhecendo-se incapaz de dar os passos seguintes para sua liberdade, a personagem entrega-se ao peso do chumbo e decide voltar para casa.

III - Palavras finais

Esta duas mulheres descobrem que não é possível para elas conquistar as suas liberdades. Frustradas diante desta impossibilidade são tomadas por um estado de paralisia aguda. Eveline pára a sua nova vida que surge ao lado de Frank agarrando-se “com as duas mãos na grade de ferro” (JOYCE, 1976, p.23) que a levaria ao barco: “Não! Não! Não! Era impossível. Suas mãos crispavam-se, desesperadamente” (JOYCE, 1976, p.23). Já a mulher de “A fuga” volta à sua casa, recolhe-se ao quarto e deita-se em sua cama. As duas terminam da mesma forma que sempre viveram, como animais indefesos, cercados por grades invisíveis.

Nestes dois contos, vemos que as personagens femininas são rodeadas por uma cadeia de grilhões que as impedem de ter os seus projetos existenciais realizados. Por mais que elas pensem, que ponderem sobre suas existências, estarão fadadas a um aborto pessoal, pois as suas relações, seus medos não permitem que elas avancem em busca de uma vida de verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOYCE, J. *Dubliners*. New York: Peguin, 1976.

LISPECTOR, C. *O primeiro beijo e outros contos*. São Paulo: Ática: 1997.

